

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 8 ▪ n. 1 ▪ Julho | 2019

AS PARÁBOLAS DE JESUS: UMA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DO REINO DE DEUS

The parables of Jesus: a communication strategy for the principles of the Kingdom of God

Carlos Kleber Maia¹

Dr. Claiton André Kunz²

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade discorrer sobre o ensino parábólico de Jesus, conforme registrados nos evangelhos, apresentando-o como uma estratégia de comunicação e ensino escolhida e desenvolvida por ele, para alcançar os seus propósitos educacionais e cumprir a sua missão. Uma estratégia de ensino ou de comunicação refere-se aos meios utilizados pelos docentes na articulação do processo de ensino, de acordo com cada atividade e os resultados esperados. A presente pesquisa visa identificar as principais características das parábolas de Jesus, mostrando como estas propriedades tornam o seu ensino eficaz e de apreensão duradoura em sua audiência. Por

¹ Mestrando em Teologia (FABAPAR) e Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FTBP), pastor da Igreja Assembleia de Deus. E-mail: ckmaia@hotmail.com.

² Bacharelado em Teologia e Filosofia, mestre em Novo Testamento e mestre e doutor em Teologia (Bíblia). Professor e diretor da Faculdade Batista Pioneira e professor do mestrado profissional em Teologia da FABAPAR. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

serem narrativas curtas, que usam linguagem figurada, apresentam elementos da realidade e têm intencionalidade, entre outras particularidades, e, por isso, as narrativas de Jesus ficaram guardadas na memória de seus ouvintes/leitores e estão entre as histórias mais impactantes da humanidade. A estratégia de usar o método parábólico de ensino foi decididamente acertada, constituindo-se um formato que atendeu muito bem às necessidades de propagação dos princípios do Reino de Deus, naquela cultura e em todas as outras.

Palavras-chaves: Parábola. Jesus. Reino de Deus. Estratégia. Ensino.

ABSTRACT

This article aims to discuss the parabolic teaching of Jesus, as recorded in the gospels, presenting it as a communication and teaching strategy chosen and developed by him, to achieve his educational purposes and fulfill his mission. A teaching or communication strategy refers to the means used by teachers to articulate the teaching process, according to each activity and the expected results. This research aims to identify the main features of Jesus' parables, showing how these properties make their teaching effective and of lasting apprehension in their audience. Because they are short narratives that use figurative language, they present elements of reality and have intentionality, among other particularities, and, therefore, the narratives of Jesus were kept in the memory of their listeners / readers and are among the most impactful stories of humanity. The strategy of using the parabolic method of teaching was decidedly right, and it was a format that met the needs of the propagation of God's Kingdom principles in that culture and in all others.

Keywords: Parable. Jesus. God's kingdom. Strategy. Teaching.

INTRODUÇÃO

Jesus de Nazaré, no intuito de propagar a sua doutrina, não fez uso de um método inteiramente novo, em sua essência. Rabinos famosos de seu tempo (séc. I d.C.) tornaram-se conhecidos por prender a atenção de seus ouvintes, de diversas maneiras. Tenney afirma que “Jesus conhecia, sem dúvida, todos os estratagemas pedagógicos que eles empregavam e, por sua vez, usou-os, mas ele os usava com uma capacidade muitíssima superior a deles”.³ Jesus foi

³ TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento, sua origem e análise**. Tradução de Antônio Fernandes. Revisão: Walter M. Dunnnett. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 231.

insuperável em usar um método de ensino muito eficaz para uma sociedade que usava a transmissão oral como metodologia básica educacional: o método parabólico.

Usualmente, naquela cultura, um mestre sentava-se em uma plataforma baixa com seus alunos sentados em semicírculo na sua frente, e muitas vezes os evangelhos descrevem cenas como estas, de Jesus assentado, tendo seus discípulos ou mesmo uma multidão em redor dele, para serem instruídos por ele.

Esperava-se que os discípulos de um rabi memorizassem seus ensinamentos e dava-se importância à preservação das palavras exatas. Técnicas de memorização e elementos de controle eram usados para minimizar desvios da versão aprendida, quando fossem repassados a outros. Este era o método educacional comum, até mesmo em nível elementar, no mundo antigo, segundo Riesner.⁴

Jesus usou de maneira estratégica os recursos educacionais de que dispunha, escolhendo (ou desenvolvendo, na verdade) o método mais adequado para fixar o conhecimento, usando elementos que já eram conhecidos de sua audiência⁵, numa linguagem cativante e direcionada a atingir seus propósitos.

O ensino de Jesus tinha propósitos morais e espirituais que estavam ligados com a sua missão, que recebera de Deus, o Pai. Não era um conjunto de bons conselhos, nem especulações filosóficas sobre a esperança ou sobre teorias universais, mas ensinava para transmitir a mensagem de Deus à humanidade, com a autoridade de quem tem a verdade eterna na fala, da qual depende o destino eterno de todas as pessoas.

Um aspecto característico dos discursos de Cristo é que todos eles eram fundamentados no pressuposto de que ele viera para proclamar a verdade de Deus, de que ele tinha autoridade completa para fazer isso, e de que o indivíduo era obrigado a seguir o seu ensino.⁶ O conjunto das parábolas indica

⁴RIESNER, *apud* BAUCKHAM, Richard. **Jesus e as testemunhas oculares**: os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2011, p. 322.

⁵Jesus aproveitava a natureza (semente de mostarda, semente, etc.), costumes familiares da vida diária (fermento, ovelha perdida, etc.), acontecimentos bem conhecidos de história recente (Lc 19.14), acontecimentos ocasionais ou contingências não improváveis (filho pródigo, trabalhadores na vinha, etc.) (TASKER, In: DOUGLAS, J. D. (edit.) **O novo dicionário da Bíblia**. Tradução de João Bentes. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 1201).

⁶TENNEY, 2008, p. 237.

que Jesus não se considerava simplesmente um reformador judaico, mas sim soberano da terra, uma figura de importância mundial.⁷

As parábolas não eram apenas histórias contadas para entreter os ouvintes, ou simplesmente para prender a atenção destes, atraindo-os para ouvir discursos ou sermões. As parábolas eram o veículo de comunicação e a própria mensagem de Jesus, usadas dentro de uma cultura que primava pela transmissão de conhecimentos através da oralidade e pelo uso de figuras na exposição do pensamento.

Considerando-se que o Novo Testamento, segundo afirma Sant'Anna, é o contexto em que a parábola se estabelece como gênero literário, sendo o seu uso uma exclusividade de Jesus, nos evangelhos, cuida-se que é observando o uso que ele faz das parábolas e do termo que as define, dentro da cultura hebraica, que se encontram os primeiros elementos adequados para conceituá-las.⁸

Considerando-se que Jesus tinha em mente propósitos bem definidos, ao dirigir-se aos seus discípulos e às multidões que o seguiam, entende-se que o tipo de discurso escolhido por ele, o parabólico, foi estimado como o mais eficiente para se alcançar este fim intencionado. Por suas características, o método de ensino parabólico revela-se como uma estratégia de comunicação que Jesus utilizou em que cada aspecto das parábolas foi planejado para alcançar os propósitos almejados por Cristo.

1. CONCEITO DE PARÁBOLA

O vocábulo “parábola” deriva do termo grego *parabolē*, que é uma forma composta a partir de duas partes: a) o prefixo *pará*, que traduzido para o português significa lado a lado, ao lado de, ao longo de, e b) o verbo *ballo*, cujo significado pode ser traduzido para o português por jogar, trazer, colocar. A composição resulta, então, em “colocar lado a lado com”, “manter ao lado”, “jogar para” ou “comparar”.⁹

Este termo grego equivale à palavra *mashal*, no hebraico, e à palavra *mathla* no aramaico, língua materna de Jesus.¹⁰ Joachim Jeremias atesta

⁷TENNEY, 2008, p. 167.

⁸SANT'ANNA, Marco Antônio Domingues. **O gênero da parábola**. São Paulo: UNESP, 2010, p. 141.

⁹SANT'ANNA, 2010, p. 15.

¹⁰JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1986, p. 10.

que estes termos designavam toda sorte de linguagem figurada: “parábola, comparação, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, dito enigmático, pseudônimo, símbolo, figura de ficção, exemplo (tipo), motivo, argumentação, apologia, objeção, piada”.¹¹

Verifica-se que o termo hebraico *mashal* é um vocábulo usado para todas as expressões que contém uma comparação, “tanto feitas diretamente como de maneira indireta, por meio de uma ilustração para uma verdade geral”.¹² Refere-se a “qualquer frase ambígua que tenha o propósito de estimular o pensamento”.¹³

Em conformidade com as muitas formas da palavra hebraica *mashal*, a *parabolē* utilizada por Jesus também se apresentava numa multiplicidade de formas. Segundo Osborne, há provérbios, metáforas, símiles, comparações curtas ou analogias implícitas mais amplas, declarações figurativas, parábolas ficcionais, ilustrações ou histórias exemplares e parábolas alegóricas.¹⁴

Entre os teóricos mais prestigiados, quanto ao estudo deste assunto, constata-se que diferentes explicações para a definição de parábola são apontadas: T. W. Manson assim define a parábola: “é uma criação literária do gênero narrativo designada a retratar um certo tipo de caráter como advertência ou exemplo, ou a ilustrar um princípio da maneira de Deus dirigir o mundo e os homens”.¹⁵ Dodd também expõe a sua conceituação sobre a parábola, definindo-a, em sua forma mais simples, como “uma metáfora ou comparação tirada da natureza ou da vida diária, que atrai o ouvinte por sua vivacidade ou singularidade e deixa na mente uma certa dúvida sobre sua aplicação exata, de modo que estimula a mente a uma reflexão ativa”.¹⁶

Segundo Bailey, as parábolas de Jesus são uma forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir, e que revelam a natureza do reino de Deus e/ou indicam como um filho do reino pode agir.¹⁷ Ele

¹¹ JEREMIAS, 1986, p. 13.

¹² SANT’ANNA, 2010, p. 53.

¹³ REID, Daniel G. (org). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 980.

¹⁴ OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 372.

¹⁵ MANSON, T. W. **O ensino de Jesus: pesquisa sobre sua forma e conteúdo**. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: ASTE, 1965, p. 81.

¹⁶ DODD, C. H. **As parábolas do Reino**. Tradução de Dorival Alves de Oliveira. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 16,17.

¹⁷ BAILEY, Kenneth E. **As parábolas de Lucas**. 3.ed. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira.

conceitua a parábola como uma metáfora estendida, e não apenas um sistema de entrega de uma ideia, “mas uma casa em que o leitor/ouvinte é convidado a fixar residência”.¹⁸ Jesus é visto por ele como um teólogo metafórico¹⁹, ou seja, que utilizava metáforas, símiles e parábolas, para expressar seu ensino, em vez de privilegiar o uso de argumentos racionais.

Da mesma forma, Dodd apresenta as parábolas como “a expressão natural de uma mentalidade que vê a verdade em imagens concretas em vez de concebê-las por meio de abstrações”.²⁰ Boice também contribui com o entendimento deste conceito, denotando a parábola como sendo “uma história tirada da vida real (ou uma situação da vida real) da qual uma verdade moral ou espiritual é extraída”.²¹ Esta verdade central da mensagem de Jesus é “o mistério” do Reino de Deus.

Para Zuck, a parábola “é um tipo de linguagem figurada em que se fazem comparações; mas, em vez de usar uma só palavra ou expressão para a comparação, [...] a parábola faz uma ampla analogia em forma de história”.²² A parábola pretende, pois, que a comparação leve em conta a narrativa em sua totalidade, e não que cada um de seus elementos “constitua uma metáfora de um significado pretendido”.²³

Numa parábola, segundo se apreende dos conceitos apresentados, é exibido ao ouvinte um relato contendo componentes tomados de sua vida diária, que fazem parte do domínio intelectual já estabelecido, e por meio de uma comparação, busca-se esclarecer conceitos espirituais ainda não compreendidos pelo público a quem foi contada a parábola. Wolfgang Kayser observa que, numa parábola, “os elementos de uma ação, exposta ao leitor, referem-se, ao mesmo tempo, a outra série de objetos e processos. A clara compreensão da ação do primeiro plano elucida, por comparação, sobre a maneira de ser da outra”.²⁴

O conceito de parábola tem, portanto, como características mais destacadas:

São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 14.

¹⁸ BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**: estudos culturais sobre os evangelhos. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 282.

¹⁹ BAILEY, 2016, p. 281,282.

²⁰ DODD, 1991, p. 16,17.

²¹ BOICE, James Montgomery. **Las Parábolas de Jesús**. Grand Rapids: Portavoz, 2017, p. 14.

²² ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 225.

²³ SANT’ANNA, 2010, p. 207.

²⁴ SANT’ANNA, 2010, p. 140.

ser uma história que usa uma linguagem figurada e que, por meio de uma comparação, que envolve toda a narrativa e utiliza elementos conhecidos dos interlocutores, almeja levá-los a conhecer verdades profundas que devem ser aplicadas às suas vidas.

Diante destes conceitos, pode-se definir a parábola de Jesus como sendo um gênero literário narrativo que, através de histórias curtas em que elementos presentes na realidade dos ouvintes são usados para ensinar verdades espirituais, faz uso de linguagem figurada, comparando, para prender a atenção dos ouvintes, levá-los à reflexão e oferecer-lhes uma lição a ser aplicada à sua vida.

As parábolas de Jesus, além de revelar como o Reino vem, também têm o propósito de ensinar o que se deve fazer para entrar nele e o que é exigido dos súditos deste Reino, para permanecer nele. Uma vez que as pessoas não estavam atendendo a estas expectativas, ele também usou as suas narrativas para confrontar estas pessoas, para provocar nelas as mudanças indispensáveis, no caráter e no comportamento de todos os que visam o pertencimento ao Reino de Deus.

As parábolas levam os ouvintes a enxergarem a sua própria realidade e leva-os a tomar uma decisão: acolher Jesus e sua Palavra, ou recusá-lo e persegui-lo.²⁵ As parábolas devem levar seus destinatários a uma visão das coisas que lhes mostre a possibilidade de uma atitude nova, que então lhes será possível aceitar ou rejeitar. Para aqueles que rejeitam, o juízo divino é anunciado pela própria mensagem parabólica.

Com todos estes propósitos em vistas, Jesus usou o método de ensino parabólico estrategicamente, formulando cada detalhe das narrativas com precisão e um foco bem definido, a fim de que cada ouvinte pudesse ser atraído, despertado, confrontado, impactado e transformado, caso abrisse o coração para as verdades reveladas, dos mistérios do Reino de Deus.

2. UMA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO OU DE ENSINO

A palavra estratégia deriva do grego “*stratēgia*”, que significa “a arte de liderar ou comandar uma tropa”. Um dos primeiros usos do termo estratégia foi feito há aproximadamente 3.000 anos pelo general chinês Sun Tzu, autor

²⁵KUNZ, Claiton André. **As ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 30,31.

do livro *A Arte da Guerra*.

Conceitualmente, estratégia pode ser definida de várias maneiras. Segundo Pasquale, Neto e Gomes, as estratégias consistem nas ações que a organização deve realizar para atingir seus objetivos. São estabelecidas com base nos objetivos a alcançar e influenciadas pela missão, visão, crenças e valores, microambiente e situação da organização.²⁶

Já para Oliveira, estratégia é caminho, maneira, ou ação formulada e adequada para alcançar preferencialmente, de maneira diferenciada, os objetivos e desafios estabelecidos, no melhor posicionamento da empresa perante o seu ambiente.²⁷ Para Porter, estratégia é “a criação de uma posição única valiosa, envolvendo um conjunto diferente de atividades”.²⁸

No entendimento de Petrucci e Batiston, a palavra estratégia esteve, historicamente, vinculada à arte militar no planejamento das ações a serem executadas nas guerras, e, atualmente, é largamente utilizada no ambiente empresarial.²⁹ Porém, os autores admitem que:

[...] a palavra ‘estratégia’ possui estreita ligação com o ensino. Ensinar requer arte por parte do docente, que precisa envolver o aluno e fazer com que ele se encante com o saber. O professor precisa promover a curiosidade, a segurança e a criatividade para que o principal objetivo educacional, a aprendizagem do aluno, seja alcançada.³⁰

Assim, pode-se falar de estratégias de ensino ou de comunicação para referir-se aos meios utilizados pelos docentes na articulação do processo de ensino, de acordo com cada atividade e os resultados esperados. Anastasiou e Alves advertem que as estratégias “visam à consecução de objetivos, portanto, há que ter clareza sobre aonde se pretende chegar naquele momento com o processo de ensinagem”.³¹

²⁶ PASQUALE, Perroti Pietrangelo; LAMMARDO NETO, Claudio; GOMES, Celso Luiz de C. **Comunicação integrada de marketing: teoria na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 107.

²⁷ OLIVEIRA, Djalma de P. R. de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 20.ed. São Paulo: Atlas, 2004, p. 424.

²⁸ PORTER, M. E. What is Strategy? **Harvard Business Review**, v. 74, n. 6, p. 61-78, 1996, p. 68.

²⁹ PETRUCCI, V. B. C.; BATISTON, R. R. Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade. In: PELEIAS, I. R. (Org.) **Didática do ensino da contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 263.

³⁰ PETRUCCI; BATISTON, 2006, p. 263.

³¹ ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville: Univille, 2003, p. 71.

Por meio da comunicação, é possível haver compartilhamento de ideias, de sentimentos e de experiências. Bordenave considera o processo de comunicação composto por cinco elementos básicos: realidade, pessoas, mensagem, forma e meios. O primeiro diz respeito ao ambiente em que a comunicação está inserida; o segundo refere-se aos interlocutores, que podem ser a fonte da comunicação, ou seja, o emissor, ou também receptores, aqueles que recebem a mensagem; o terceiro é algo que se deseja compartilhar, inicialmente presente na forma abstrata dentro da mente e depois projetado para que possa ser captada por meio dos sentidos (visão, audição e tato); o penúltimo tem relação com o signo, que é “todo objeto perceptível que, de alguma maneira, remete a outro objeto, toma o lugar de outra coisa”, é o lugar de onde parte a representação de algo, e o último elemento faz referência aos meios que são empregados pelos interlocutores para transmitir o código, que é o conjunto de signos.³²

Para se elaborar uma boa estratégia de comunicação ou de ensino, recomenda-se àquele que se propõe a realizar tal tarefa, que leve em conta alguns fatores básicos:

- a. Determinar o público-alvo que se espera atingir, identificando suas características, suas preferências, o seu nível de informação, etc.
- b. Conhecer o ambiente em que se deve desenvolver a estratégia de comunicação, com suas características e desafios.
- c. Dominar o conteúdo que se deseja transmitir, para que o possa fazer com total segurança.
- d. Estabelecer os propósitos a serem alcançados, por meio deste processo de comunicação / ensino. As estratégias visam à consecução de objetivos, portanto, há que ter clareza sobre aonde se pretende chegar naquele momento com o processo de ensino.
- e. Escolher o meio mais adequado para alcançar estes propósitos, ao envolver o público-alvo desejado, no ambiente em que ele se encontra inserido.

Outro fator é o de que as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes devem ser capazes de sensibilizar (motivar) e de envolver os alunos ao ofício do aprendizado, deixando claro o papel que lhe cabe.

³²BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 39.

O uso de formas e procedimentos de ensino deve considerar que o modo pelo qual o aluno aprende não é um ato isolado, escolhido ao acaso, sem análise do conteúdo trabalhado, sem considerar as habilidades necessárias para a execução e dos objetivos a serem alcançados.

A definição do uso de determinada estratégia de ensino-aprendizagem considera os objetivos que o docente estabelece e as habilidades a serem desenvolvidas em cada série de conteúdo. No entender de Pimenta e Anastasiou, “a respeito do método de ensinar e fazer aprender (ensinagem), pode-se dizer que ele depende, inicialmente, da visão de ciência, de conhecimento e do saber escolar do professor”.³³

Luckesi (1994) considera que os procedimentos de ensino geram consequências para a prática docente: para se definir procedimentos de ensino com certa precisão, é necessário ter clara uma proposta pedagógica; é preciso compreender que os procedimentos de ensino selecionados ou construídos são mediações da proposta pedagógica e metodológica, devendo estar estreitamente articulados.

Jesus dispunha de todas as informações necessárias para articular sua estratégia de comunicação ou de ensino das verdades reveladoras sobre o Reino de Deus: Ele conhecia muito bem o seu público-alvo, tanto os que receberiam seu ensino, como os que se oporiam a ele. João, um dos seus discípulos mais chegados revela que ele conhecia a todos os indivíduos, e que “não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque ele bem sabia o que havia no homem”.³⁴

O Mestre tinha perfeito conhecimento do ambiente onde iria desenvolver seu ministério de ensino, pois nasceu e cresceu em solo hebreu. Seu uso frequente de figuras extraídas da realidade presente ao seu redor, envolvendo profissões, costumes e materiais que faziam parte do cotidiano de seus ouvintes, revela seu domínio do meio onde contaria suas parábolas, envolvendo elementos presentes na realidade de seus ouvintes.

Seu domínio do conteúdo a ser ensinado era absoluto, pois ele trazia a mensagem divina como seu proclamador maior, sendo ele mesmo a expressão perfeita da revelação de Deus aos seres humanos. O seu tema principal, o Reino de Deus, tinha nele o seu anunciador e o próprio soberano, que discursava

³³ PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 195.

³⁴ BÍBLIA, 2009, p. 708, Jo 2.24,25.

como o Rei que viria cumprir as promessas messiânicas e reinar sobre os seres humanos.

Cristo também tinha propósitos bem estabelecidos, a serem alcançados por seu método de ensino: ensinar as verdades do Reino de Deus, confrontar os indivíduos a tomarem uma decisão de segui-lo e revelar o juízo divino sobre os que o rejeitassem. Assim, poderia escolher dentre os métodos possíveis, o mais adequado ao cumprimento destes propósitos.

Jesus escolheu contar parábolas. Este método de comunicação mostrou-se eficaz para alcançar seus objetivos educacionais, dadas as suas características essenciais, que foram usadas por Cristo com extrema habilidade, como uma excelente estratégia de ensino ou de comunicação.

3. A ESTRATÉGIA DE ENSINO DE CRISTO USANDO AS PARÁBOLAS

O método parabólico de ensino é característico de Jesus, a ponto de suas parábolas serem consideradas o extrato mais antigo e verídico da tradição cristã, e o Novo Testamento ser considerado “o contexto em que a parábola se constitui como gênero literário”.³⁵

Jesus escolheu o modelo parabólico para apresentar seu ensino como uma estratégia de comunicação muito bem estabelecida, pois cada característica deste gênero mostra-se importante para que todas as pessoas pudessem ser alcançadas e envolvidas por sua mensagem, ampliando a eficácia do impacto da mensagem cristã, para cumprir os propósitos pretendidos pelo Mestre.

As principais propriedades encontradas nas elocuições parabólicas de Jesus, apresentadas em seguida, evidenciam que este conjunto de particularidades tem uma razão definida para ser apresentado assim, com vistas a um resultado único entre as narrativas conhecidas da humanidade.

3.1 AS PARÁBOLAS SÃO NARRATIVAS CURTAS

Sendo apresentada no formato de narrativa, a parábola torna-se mais atraente. Zuck ressalta a eficácia do método parabólico de Jesus, quando declara que “devido a seu formato de história, logo despertavam o interesse dos ouvintes. A curiosidade era aguçada pelo desejo de saber como a história evoluiria e terminaria”.³⁶

³⁵ SANT’ANNA, 2010, p. 141.

³⁶ ZUCK, 1994, p. 230.

MacArthur também ressalta que o uso de histórias despertava o interesse das pessoas, destacando, ainda a simplicidade das histórias contadas por Jesus: “sem dúvida alguma, as parábolas tinham o efeito de despertar a mente de muitas pessoas que ficavam maravilhadas com a simplicidade das parábolas de Jesus e, assim, desejavam descobrir seu sentido subjacente”.³⁷

Seu formato narrativo também ajuda a memorizar o seu conteúdo. Lockyer ressalta: “estamos mais inclinados a nos lembrar de uma narração ou ilustração do que qualquer outra coisa proferida em um sermão”.³⁸ MacArthur reforça que “o imaginário gráfico das parábolas pode ter ajudado a manter a verdade arraigada na memória até ela brotar em fé e compreensão”.³⁹ João Crisóstomo também afirma que, ao reduzir as ideias a imagens visuais, Jesus tornava mais claro seu ensino e fazia com que “o gravassem mais profundamente em sua memória”.⁴⁰

Sant’Anna destaca o fato de as parábolas serem narrativas curtas, o que constitui “um meio e não um fim em si mesma, servindo a uma estratégia de comunicação”⁴¹, para causar um impacto no ouvinte, na medida em que a saída e a volta para o discurso maior em que se encontra inserida é realizada de maneira rápida e eficaz. Em suas ocorrências típicas, a parábola sempre se encontra entretecida no corpo de outra construção discursiva.⁴²

O fato constatado da brevidade da parábola confere a essa modalidade a facilidade de poder ser contada em diálogos interpessoais e em discursos públicos. Esta característica está ligada a esta função da parábola, de estabelecer uma estratégia de comunicação, tanto em contextos conversacionais mais íntimos e pessoais, quanto em situações públicas de prédica.⁴³

³⁷ MACARTHUR, John. **As parábolas de Jesus contadas por John MacArthur**: os mistérios do Reino de Deus revelados nas histórias contadas pelo Salvador. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2016, p. 15.

³⁸ LOCKYER, Herbert. **Todas as parábolas da Bíblia**: uma análise detalhada de todas as parábolas das Escrituras. São Paulo: Vida, 1999, p. 17.

³⁹ MACARTHUR, 2016, p. 15.

⁴⁰ AQUINO, Tomás de. **Catena Áurea**: exposição contínua sobre os evangelhos. Vol. 1. Evangelho de São Mateus. Tradução de Fabio Florence e outros. Campinas: Ecclesiae, 2018, p. 452. Tomás de Aquino organizou a Catena Áurea a pedido do Papa Urbano IV, no século XIII, como uma compilação dos comentários dos Pais da Igreja ao Evangelho de Mateus; ele decidiu organizá-los numa exposição contínua, versículo por versículo, o que permite uma leitura sem interrupção, como se tudo emanasse de um único autor.

⁴¹ SANT’ANNA, 2010, p. 247.

⁴² SANT’ANNA, 2010, p. 164.

⁴³ SANT’ANNA, 2010, p. 163.

3.2 AS PARÁBOLAS APRESENTAM ELEMENTOS CONHECIDOS DOS OUVINTES

Numa parábola é exibido ao ouvinte um relato contendo componentes tomados de sua vida diária, que fazem parte do domínio intelectual já estabelecido, e por meio de uma comparação, busca-se esclarecer conceitos espirituais ainda não compreendidos pelo público a quem foi contada a parábola. Wolfgang Kayser observa que, numa parábola, “os elementos de uma ação, exposta ao leitor, referem-se, ao mesmo tempo, a outra série de objetos e processos. A clara compreensão da ação do primeiro plano elucida, por comparação, sobre a maneira de ser da outra”.⁴⁴

Uma parábola define o desconhecido usando o que é conhecido⁴⁵; começa onde o ouvinte está, mas depois avança para um novo conhecimento, que lhe é revelado na reflexão provocada pela narrativa.

A parábola, como uma história extraída da experiência familiar da vida diária, oferece muitos detalhes que dão um colorido especial à narrativa, ativando a imaginação sem fugir das representações já dominadas pelos ouvintes. Num ambiente agrícola e pesqueiro, Cristo nunca falou de neve ou de barcos que navegam além-mar, mas contou histórias sobre sementes e redes.

3.3 AS PARÁBOLAS USAM ELEMENTOS DA REALIDADE

Diferentemente da fábula, a parábola sempre apresenta, em sua narrativa, elementos que não transcendem o limite do provável⁴⁶; este gênero nunca transgride a ordem natural das coisas, atribuindo razão e fala a árvores, pássaros e animais.⁴⁷

No ensino de Jesus não se encontra o uso de fábulas, como afirma Jeremias: “Em Jesus, não encontramos nenhuma fábula; ele nunca faz uma figueira ou videira falar”.⁴⁸

⁴⁴ SANT’ANNA, 2010, p. 140.

⁴⁵ Um conceito interessante de parábola é que ela é a “explicação de algo desconhecido através de figuras conhecidas” (HOOVER, Richard L. **Os Evangelhos**: o que Jesus fez e ensinou. 2.ed. Campinas: EETAD, 1988, p. 34.

⁴⁶ SANT’ANNA, 2010, p. 228.

⁴⁷ HAYES, 2015, p. 55.

⁴⁸ JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 69, 70.

3.4 AS PARÁBOLAS USAM LINGUAGEM FIGURADA

As parábolas quase sempre deixavam as pessoas desarmadas. Como uma construção alegórica, elas têm por objetivo inicial desmontar as reações habituais como as de rejeição, de não compreensão, de dificuldades de assimilação, ao atrair o leitor com uma história com um tema diferenciado, instalando, assim, um ambiente favorável no processo de ensino.⁴⁹

Osborne assevera que “um discurso desperta em nós uma reação de tolerância, já a história é algo que prende a nossa atenção”.⁵⁰ A narrativa transporta o ouvinte para uma outra realidade, e o contador de histórias assume o controle de tal forma que aqueles que estão acompanhando o desenrolar dos fatos são forçados a ver as coisas por novos ângulos e se torna impossível escapar da mensagem. Ele acrescenta: “os ouvintes tornam-se cúmplices voluntários, mesmo que a mensagem lhes seja hostil”.⁵¹

A linguagem figurada parabólica desperta a imaginação do ouvinte e o leva a raciocinar. “Quando dois elementos diferentes são confrontados, as convenções da linguagem são temporariamente colocadas de lado a fim de acionar a imaginação em direção a uma total compreensão da realidade”.⁵²

As pessoas levantam as suas defesas contra a comunicação direta, mas a comunicação indireta, como são as parábolas, “ocorre pela porta dos fundos”⁵³ e confronta o que as pessoas entendem por realidade, levando-as a ver as coisas de novas maneiras e corrigir a distorção da sua visão.

O método parabólico leva o ouvinte a pensar; coloca em ação processos mentais que não seriam acionados se ele estivesse ouvindo um sermão bem explicado.⁵⁴ Snodgrass afirma que Jesus falava por parábolas “para despertar o raciocínio e estimular uma reação das pessoas em direção a Deus”.⁵⁵ A linguagem dos símbolos é mais poderosa e de efeito mais duradouro do que as palavras; as palavras mudam com o tempo, mas os símbolos “são tão duradouros quanto a própria natureza e a vida”.⁵⁶

⁴⁹ SANT’ANNA, 2010, p. 246.

⁵⁰ OSBORNE, 2011, p. 23, 24.

⁵¹ OSBORNE, 2011, p. 23, 24.

⁵² SANT’ANNA, 2010, p. 148.

⁵³ SNODGRASS, Klyne. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus**. Tradução de Marcelo S. Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 33.

⁵⁴ LOCKYER, 1999, p. 17.

⁵⁵ SNODGRASS, 2011, p. 34.

⁵⁶ LOCKYER, 1999, p. 18.

3.5 AS PARÁBOLAS SÃO GENÉRICAS EM SEUS DETALHES

Como narrativa em que as personagens não são identificadas pelo nome, o espaço não estabelece relações geográficas definidas e o tempo não é marcado cronologicamente, a parábola está em função de transmissão de princípios que pretendem avançar as barreiras culturais, de espaço e de tempo.⁵⁷

Qualquer um pode se enxergar nas parábolas, embora elas tenham sido contadas em um tempo distante, numa cultura diferente e envolvendo situações que não estão presentes no cotidiano das pessoas no mundo atual.

3.6 AS PARÁBOLAS TÊM INTENCIONALIDADE

Jesus utilizou as suas narrativas como uma estratégia discursiva, para convencer seus ouvintes, ou para “provocar determinados efeitos e comportamentos no interlocutor previsto”, envolvendo as pessoas, especialmente aquelas que discordavam dele, e levando-as a uma conclusão inesperada, pois a parábola também “é um gênero narrativo utilizado como estratégia discursiva, não apenas como método de ensino, mas também de confronto de ideias por meio da linguagem”.⁵⁸

Pelo fato de terem sido contadas com o propósito de reorientar o pensamento e o comportamento de seus ouvintes, alinhando-os com os ensinamentos do mestre que as contava, as parábolas com frequência contém elementos de inversão.⁵⁹ Em muitas das suas elocuições parabólicas, Jesus promoveu a inversão inesperada, brusca, como instrumento poderoso para implementar mudanças e quebrar paradigmas religiosos, como na parábola do Bom Samaritano.

3.7 AS PARÁBOLAS REFLETEM HUMANIDADE

Nas parábolas de Jesus, o foco narrativo está concentrado nas pessoas. Além de não ter contado nenhuma fábula, onde animais ou plantas eram personificados, comportando-se como se fossem seres humanos, a histórias de Cristo falam de pessoas ou incluem pessoas na narrativa, mesmo quando apresentam características do Reino de Deus; não faltam semeadores ou pescadores nelas.

⁵⁷ SANT’ANNA, 2010, p. 247, 248.

⁵⁸ CERQUEIRA; RIBEIRO; TORGA, 2014, p. 28.

⁵⁹ SNODGRASS, 2011, p. 49.

Até nas menores parábolas, como a da Semente que Germina Sozinha, exclusiva do Evangelho de Marcos, a figura de um ser humano aparece, embora o ensino ali retratado o coloque como um elemento que não é indispensável para que o resultado aconteça.

Snodgrass ressalta que esta “humanidade” das parábolas faz com elas sejam interessantes em si mesmas, e objetiva “mudar comportamentos e criar disciplinas”, por sempre causar um sentimento de familiaridade em seus ouvintes.⁶⁰

3.8 ALGUMAS PARÁBOLAS SÃO APRESENTADAS EM GRUPO

O Mestre contou suas parábolas, algumas vezes, agrupando-as em blocos de ensino, como as parábolas do Reino (Mt 13), as parábolas que tratam dos perdidos que foram achados (Lc 15) ou as parábolas dirigidas a Israel (Mt 21-22). O agrupamento de duas ou três parábolas fortalece e explora um tema ao fazer uso de mais de uma imagem para reforçar este tema.⁶¹

Na parábola da Ovelha Perdida, o pastor vai buscá-la e a traz de volta ao aprisco, em seus ombros. Na parábola do Filho Pródigo (ou dos Dois Filhos Perdidos), o filho mais novo, “caindo em si”, resolveu voltar para casa. Observando-se apenas esta última história, poder-se-ia chegar à conclusão de que o indivíduo pode se arrepender sem a ajuda divina, por sua própria capacidade; porém, quando este tema, do retorno, é reforçado pela primeira história, vemos que o pastor é quem toma a iniciativa e o perdido retorna somente depois de alcançado pelo Pai/pastor que o busca. Assim, o agrupamento das parábolas mostra-se muito útil para um entendimento correto do ensino de Cristo, em sua totalidade.

Jesus geralmente reservava para o final das suas histórias o momento crucial, o seu ponto mais alto, quando apresentava o tema teológico crucial. Especialmente nas histórias onde são apresentados contrastes, como na parábola dos Dois Construtores (Mt 7), esta “regra da ênfase final” pode ser observada.⁶² Depois de apresentar um indivíduo que é tido como sábio e um outro que foi classificado como insensato, por construir sua casa sem um fundamento sólido, Cristo revela que está falando sobre aquele que ouve, mas

⁶⁰ SNODGRASS, 2011, p. 47.

⁶¹ SNODGRASS, 2011, p. 51.

⁶² SNODGRASS, 2011, p. 49.

não pratica, as suas palavras.

Assim, observa-se que Jesus fez amplo uso das parábolas em seu ensino como uma estratégia envolvente e eficaz, que estimulava, provocava, envolvia e alcançava os objetivos pretendidos por ele, de levar as pessoas a um novo relacionamento com Deus, pelo arrependimento e fé.

As parábolas não são histórias contadas sem qualquer pretensão, nem as suas características devem ser reputadas como comuns e corriqueiras, mas estas narrativas, como foram contadas, podem ser tomadas como uma estratégia eficiente de comunicação, não somente na cultura oral de Jesus, mas em todas as culturas e em todos os tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de discorrer-se sobre os propósitos com que o mestre da Galileia fez uso deste gênero literário na propagação de sua mensagem concernente ao Reino de Deus, pode-se concluir previamente que o método de ensino parabólico de Jesus foi cuidadosamente elaborado para alcançar a mente dos seres humanos e provocá-los a uma reação determinante para o ingresso e permanência neste Reino.

Este método de ensino, caracteristicamente de Jesus, revela-se eficaz para o ensino, provocador de reflexão e mudanças de atitudes e prescritivo para todo aquele que deseja fazer parte do Reino de Deus. Rejeitar o ensino parabólico de Jesus é rejeitar o próprio Rei e seu reino, trazendo para si mesmo a condenação resultante desta escolha.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille, 2003.

AQUINO, Tomás de. **Catena Áurea**: exposição contínua sobre os evangelhos. Vol. 1. Evangelho de São Mateus. Tradução de Fabio Florence e outros. Campinas: Ecclesiae, 2018.

BAILEY, Kenneth E. **As parábolas de Lucas**. 3.ed. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**: estudos culturais sobre os evangelhos. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BAUCKHAM, Richard. **Jesus e as testemunhas oculares**: os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. 4.ed. Barueri: SBB, 2009.

BOICE, James Montgomery. **Las Parábolas de Jesús**. Grand Rapids, Michigan: Portavoz, 2017.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DODD, C. H. **As parábolas do Reino**. Tradução de Dorival Alves de Oliveira. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

DOUGLAS, J. D. (edit.) O novo dicionário da Bíblia. Tradução de João Bentes. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.

HOOVER, Richard L. **Os Evangelhos**: o que Jesus fez e ensinou. 2.ed. Campinas: EETAD, 1988.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1986.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

KUNZ, Claiton André. **As ações parábolicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: ADSantos, 2018.

LOCKYER, Herbert. **Todas as parábolas da Bíblia**: uma análise detalhada de todas as parábolas das Escrituras. São Paulo: Vida, 1999.

MACARTHUR, John. **As parábolas de Jesus comentadas por John MacArthur**: os mistérios do Reino de Deus revelados nas histórias contadas pelo Salvador. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2016.

MANSON, T. W. **O ensino de Jesus**: pesquisa sobre sua forma e conteúdo. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: ASTE, 1965.

OLIVEIRA, Djalma de P. R. de. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. 20.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PASQUALE, Perroti Pietrangelo; LAMMARDO NETO, Claudio; GOMES, Celso Luiz de C. **Comunicação integrada de marketing**: teoria na prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PETRUCCI, V. B. C.; BATISTON, R. R. Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade. In: PELEIAS, I. R. (Org.) **Didática do ensino da contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PORTER, M. E. What is Strategy? **Harvard Business Review**, v. 74, n. 6, p. 61-78, 1996.

REID, Daniel G. (org). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

SANT'ANNA, Marco Antônio Domingues. **O gênero da parábola**. São Paulo: UNESP, 2010.

SNODGRASS, Klyne. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus**. Tradução de Marcelo S. Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento, sua origem e análise**. Tradução de Antônio Fernandes. Revisão: Walter M. Dunnett. São Paulo: Vida Nova, 2008b.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional